



XXII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

28 de novembro a 01 de dezembro
Florianópolis - SC

Eixo 3 – Bibliotecas e Sociedade

Biblioteca Universitária como ambiente de memória coletiva, identidade e representatividade: um estudo sobre o Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais da UFPE

*University Library as an environment of collective memory, identity and
representativity: a study on the Research Space and Culture of Ethnic-Racial Relations
at UFPE*

Mayara Paula Atanásio Soares da Silva – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
mayara.atanasio@ufpe.br

Girlaine Pergentino Gomes – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
girlaine.pergentino@ufpe.br

Resumo: Para se desvencilhar da herança deixada pelo período colonial brasileiro é necessário resgatar, propagar e valorizar o conhecimento e a cultura dos povos subjugados. Para tanto, esse artigo realiza um levantamento bibliográfico acerca do epistemicídio em consequência ao colonialismo e faz uma análise em campo sobre o Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais (EPCRER), localizado na Biblioteca Central da UFPE. Desta forma, objetivou-se compreender a importância destes ambientes para a propagação de ações afirmativas de representatividade e empoderamento dos povos indígenas, negros, quilombolas e ciganos.

Palavras-chave: bibliotecas universitárias. epistemicídio. estudo étnico-racial. representatividade social.

Abstract: To get rid of the heritage left by the Brazilian colonial period, it is necessary to rescue, propagate and value the knowledge and culture of the subjugated peoples. To this end, this article conducts a bibliographical survey about epistemicide as a result of coloniality and makes a field analysis of the Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais (EPCRER), located in the Central Library of UFPE. In this way, the objective was to understand the importance of these environments for the propagation of affirmative actions of representativeness and empowerment of indigenous peoples, blacks, quilombolas and gypsies.



Keywords: university libraries. epistemicide. ethnic-racial study. social representativeness.

1 INTRODUÇÃO

A história do Brasil está intrinsecamente relacionada ao período colonial e por muito tempo a narrativa contada apenas sob a ótica do dominador propagou um entendimento confuso da realidade dos acontecimentos, romantizando o processo de “descobrimento” do país. Nesse sentido, é importante salientar que a história da população brasileira advém de períodos anteriores a essa colonização. Siqueira (2020, p.106) aponta que o momento que sucedeu a colonização acarretou em um “confronto de saberes, culturas e humanidades, o que levou à aniquilação dos povos não europeus”, sendo esse período caracterizado pela escravização, subalternização e apagamento dos povos negros, indígenas e outros. Em consequência, o colonialismo reforça a hierarquização social com aspectos voltados às relações de poder, que fortalecida pelos povos europeus, se apresentava como forma de dominação, exploração e desvalorização cultural das comunidades originárias e povos subjugados.

Sob esse cenário, tem-se como consequência da dominação e poder dos colonizadores o silenciamento dos oprimidos, no qual além dos atos de violência, existiu, e ainda existe, a reverberação da prática de “anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural” (Carneiro, 2005, p.97), definido como epistemicídio. Neste viés, indo de encontro à imposta realidade eurocêntrica e colonial, a Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizada no campus Recife, possui um setor nomeado ‘Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais’ (EPCRER), destinado a dar visibilidade a população subjugada da história do Brasil.

Nesse sentido, a questão norteadora deste estudo busca compreender como a biblioteca universitária pode ser um espaço de fortalecimento e construção da educação da memória, identidade e relações étnico-raciais. Para tanto, o estudo cria uma conexão relacionando o epistemicídio, decorrente do período colonial; e o Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que é um ambiente de ações inclusivas

para a comunidade negra, indígena, quilombola e cigana. Desta forma, construindo um importante arcabouço para fim teórico e prático, espera-se estimular a replicação de espaços e pesquisas relacionadas à valorização das diferentes raças e culturas presentes no Brasil.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Os métodos utilizados durante o desenvolvimento desse estudo se concentram na pesquisa bibliográfica e análise em campo, buscando compreender de forma aprofundada o trabalho desenvolvido pelo Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal de Pernambuco. Para Minayo (1994) o desenvolvimento de um trabalho em campo permite que o pesquisador se aproxime da realidade, além de estabelecer uma interação com os atores, construindo assim um conhecimento empírico de grande valia para quem realiza a pesquisa social. A autora esclarece que o desenvolvimento desse conhecimento dependerá principalmente de um alicerce consolidado na fase exploratória.

Diante disso, para o levantamento bibliográfico do referencial teórico dessa pesquisa foram utilizados repositórios on-line e bases de dados, como a BRAPCI e o Attena, os termos utilizados para a recuperação informacional foram: bibliotecas universitárias como espaço de representatividade, epistemicídio, espaços de cultura, etc. Assim, para uma melhor análise sobre a importância do EPCRER dentro da comunidade acadêmica foi realizado uma análise de campo visando compreender e tomar conhecimento sobre as atividades desenvolvidas no espaço de pesquisa e cultura, assim como analisar os serviços ofertados. Relacionar os dois métodos de pesquisa foram essenciais para uma melhor fundamentação e apresentação das seções deste estudo.

3 COLONIALISMO E EPISTEMICÍDIO

A realidade brasileira no que diz respeito à memória coletiva, identidade e representação, relaciona-se com aspectos de dominação, colonialismo e poder. O epistemicídio consiste na aniquilação ou supressão de saberes, conhecimentos locais e

características culturais. Para entender a execução desse tipo de atividade precisamos compreender o colonialismo e seu papel nocivo para os povos indígenas, negros, ciganos e quilombolas. De acordo com Gonçalves e Feitosa (2019, p.41) “O colonialismo pode ser considerado um dos processos mais violentos da história”. Para as autoras, os colonizadores não mediram esforços para usurpar a riqueza dos povos buscando manter o estabelecimento e manutenção de seus impérios e assim, considerando a soberania política, “exerceram a sua superioridade também por meio da dominação cultural”. É diante dessa conjuntura que as populações colonizadas perderam o direito à posse de seus territórios, patrimônio cultural e a produção de seus conhecimentos foram destinados à subalternidade, tornando-se uma subcultura, sem valor, sem história e sem herança cultural.

O termo epistemicídio é dissertado por Boaventura de Sousa Santos (1995, p. 328) e associado à eliminação de “povos estranhos que possuíam formas de conhecimento estranhas”. O autor compara esse tipo de irracionalidade como um evento muito maior que o genocídio por conta da premissa desse movimento, que consistia em marginalizar as práticas e grupos sociais que apresentavam algum tipo de ameaça como no caso da expansão capitalista. Boaventura de Sousa Santos (1995, p. 328) versa ainda sobre a vastidão do epistemicídio sendo maior que o genocídio, isso se dá, segundo o autor, diante da pretensão de subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar as práticas e grupos sociais.

O que pode ser analisado sobre o período histórico brasileiro durante o colonialismo é o ideal de poder que sempre foi atribuído nas relações sociais. Diante disso, podemos compreender as análises desenvolvidas por Spivak (2010) que versa sobre as questões pós-coloniais ainda presentes na sociedade contemporânea. A abordagem da autora na obra “Pode o subalterno falar?” descreve como os fragmentos do período colonial ainda permanecem intactos perante a sociedade, como é o caso do racismo, patriarcado, relações de poder e de classe. Para Scherer-Warren (2010) os estudos pós-coloniais possuem características das teorias de classe e principalmente das formas de opressão das elites coloniais, fortalecendo a

discriminação simbólica em relação aos segmentos sociais colonizados, o que favorece a marginalização, exclusão e subalternidade de diferentes comunidades.

É diante dessa realidade que as instituições informacionais de acesso ao público como museus, bibliotecas e arquivos são insumos fundamentais para que a sociedade tenha acesso à sua história, memória e realidade, sendo uma ferramenta para uma convivência mais consciente e inclusiva.

4 ESPAÇO DE PESQUISA E CULTURA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Ao longo da história da humanidade, a função da biblioteca variou de acordo com as demandas sociais. Em contexto nacional, especificamente durante o período colonial, as bibliotecas assumiram basicamente duas categorias de atuação, “religiosas e particulares, sendo ambas de acesso restrito, especialmente pelo fato de que a ampla maioria da população sequer sabia ler.” (Silva; Silva, 2010, p.209). Reforçava-se assim, uma hegemonia de conhecimento, consumido e produzido segundo os moldes e imposições do colonizador europeu, branco e abastado. Tanus e Tanus (2020, p. 250), apontam as bibliotecas como “[...] instituições milenares que apresentam, ao longo de sua história, diferentes responsabilidades diante de diversos contextos históricos, elas foram reconstruindo-se e especificando-se nas variadas classificações tipológicas”.

Visto isso, entende-se que os tipos de bibliotecas variam de acordo com as especificidades e necessidades de seu público, desta forma, as bibliotecas universitárias possuem como objetivo principal atender as demandas da comunidade acadêmica, fortalecendo as relações de pesquisa, ensino e extensão. Tanus e Tanus (2020, p. 250) afirmam que “As bibliotecas são instituições sociais e democráticas que têm por missão atender o seu público nas suas diferentes necessidades, demandas, desejos e busca de informação nos mais diferentes suportes, formatos e modos de acesso”. Desta forma, tanto a construção do acervo, quanto a execução dos serviços, devem ser pensados em confluência com as demandas atuais e os debates sociais.

Nessa perspectiva, os profissionais bibliotecários precisam agir objetivando preencher as lacunas e anseios da comunidade, repensando e transformando práticas

pedagógicas, fortalecendo a pluralidade brasileira, fornecendo à população um ambiente acolhedor, informativo e de representatividade. No prisma dos debates voltados à racialidade, cabe aos profissionais envolvidos no cenário acadêmico, estarem a par e qualificados sobre essas questões. Desta forma, devem possuir a percepção de que a herança colonial estimula e reproduz a desvalorização do conhecimento dos povos racializados, deslegitimando e rebaixando suas capacidades cognitivas (Carneiro, 2005).

Sob essa ótica, vinculado ao Núcleo de Políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) da UFPE, surge o Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais (EPCRER), inaugurado em 06 de dezembro de 2022¹. A abertura oficial do espaço contou com a presença de lideranças de movimentos e associações ligadas ao debate étnico-racial, além de docentes, discentes, coordenadores e outros. Atualmente, a equipe responsável pelo desenvolvimento do acervo e das ações que ocorrem no local, é formada por dois bibliotecários e dois bolsistas.

O espaço, constituído como parte integrante de uma biblioteca universitária, visa integrar um ambiente auspicioso para a propagação intelectual e cultural dos povos ciganos, negros, quilombolas e indígenas. Além disso, surge em resposta ao, nem sempre refletido, epistemicídio que ocasiona o afastamento das literaturas e produções científicas desses povos, das universidades e unidades de informação, reforçando o epistemicídio que é implicitamente difundido por séculos no país.

Nesse sentido, depreende-se que a estruturação de um acervo representativo emerge como uma forte arma contra o afastamento intelectual de autores racializados das listas de bibliografias difundidas nas instituições de ensino e pesquisa. O silenciamento desses povos, nasceu como uma máscara², objeto inflexível capaz de prender a boca e inibir a fala dos escravizados, e afluiu até os dias atuais, num espólio colonial de hierarquização de conhecimento, onde poucos têm o direito e o domínio pleno do conhecimento a ser difundido e consumido. De encontro a isso, o EPCRER

¹ Vídeo de inauguração do EPCRER. Disponível em: <https://www.youtube.com/>

² O trecho faz referência a uma palestra-performance da autora Grada Kilomba. Disponível em: <http://www.goethe.de/>

constituiu um acervo composto por produções advindas de povos racializados e que tratam das perspectivas dos debates étnico-raciais em seus diversos contextos.

Para além, um dos objetivos do EPCRER é favorecer a transformação da biblioteca universitária em um ambiente propício para a construção do pensamento crítico vinculado às relações étnico-raciais e reflexões identitárias dos estudantes da UFPE. A vista disso, o setor possui um cronograma regular de atividades no qual incluem palestras, debates, atividades culturais, oficinas de imersão e outras ações, realizadas para estimular tanto o autoconhecimento quanto o entendimento sobre o outro.

O prognóstico é que por meio das vivências e experiências seja possível a construção da memória individual e coletiva, de representatividade e de valorização do ser, visto que o “colonialismo/racismo se constituíram num aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos.” (Carneiro, 2005, p.101), sendo responsável pelo enfraquecimento da estima dos corpos racializados enquanto produtores de saberes científicos e culturais. A expectativa é que mais rostos sejam libertos de máscaras e que mais vozes ecoem nesse país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto a história do Brasil for disseminada a partir de uma única perspectiva, o desaparecimento de outras versões e culturas serão ferramentas de dominação, opressão e erradicação de conhecimento, permitindo a invisibilidade de comunidades. Conclui-se, assim, que a elaboração dessa pesquisa buscou apresentar o Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais (EPCRER) como setor da Biblioteca Central da UFPE como ambiente de decolonialidade, sendo um dos caminhos para a resistência, manutenção da memória coletiva, construção e reconhecimento de identidade, além de promover a representatividade, desconstruindo conceitos que por séculos vem sendo impostos aos povos originários

Ademais, reflexões sobre a importância da biblioteca inserida nessas perspectivas também são desenvolvidas no EPCRER. O processo do que foi chamado de “descobrimientos” faz emergir uma nova tríade de poder, saber e subjetividades

informadas pela racialidade conformando novos sujeitos-forma: homens, nativos, brancos, não-brancos. A presença de ambientes como o EPCRER nos evidencia como os espaços dentro das bibliotecas universitárias devem ser utilizados em prol da conscientização, estímulo e apoio à diferentes culturas, raças e movimentos culturais, promovendo a aprendizagem daqueles que frequentam a instituição.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog>. Acesso em: 25 maio 2023.
- GONÇALVES, J. S.; FEITOSA, M. A. P. DESCOLONIZAR JÁ: PONTOS EM DEBATES SOBRE O EPISTEMICÍDIO. **Complexitas – Revista de Filosofia Temática**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 40-47, jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br>. Acesso em: 24 maio 2023.
- MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/>. Acesso em: 23 maio 2023.
- SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- SILVA, J. L. C.; SILVA, R. L. Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 203–217, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 27 maio. 2023.
- SIQUEIRA, A. Â. CONSTRUÇÃO DA RACIALIDADE: colonização e racismo na formação do Brasil. **Serviço Social em Perspectiva**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 104-117, mar. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br>. Acesso em: 24 maio 2023.
- SCHERER-WARREN, I. Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina. **Ciências Sociais Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 46, n. 1, p. 18-27, 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br>. Acesso em: 22 maio 2023.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Minas Gerais: Editora UFMG, 2010.
- TANUS, G.; TANUS, G. F. de S. C. Onde estão os autores e autoras negras? a literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas brasileiras. **Diacrítica**, Braga, v. 34, n. 2, p. 249-263, ago. 2020. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/40314/>. Acesso em: 22 maio 2023.